

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA (UNILAB)
INSTITUTO DE HUMANIDADE (IH)
BACHARELADO EM HUMANIDADES (BHU)**

FRANCISCO DIEGO DE OLIVEIRA GOMES

**UMBANDA DE BRAÇOS ABERTOS: FÉ, ACOLHIMENTO
E RESISTÊNCIA NO TERREIRO SÃO JORGE GUERREIRO EM BATURITÉ**

REDENÇÃO – CE

**UMBANDA DE BRAÇOS ABERTOS: FÉ, ACOLHIMENTO E RESISTÊNCIA
NO TERREIRO SÃO JORGE GUERREIRO EM BATURITÉ**

FRANCISCO DIEGO DE OLIVEIRA GOMES

Data da aprovação: ____/____/____

Nota: _____

REDEÇÃO-CEARÁ

2018

Agradecimentos

Primeiramente agradeço à minha querida mãe Edineuza Matias, por tudo, te amo. Agradeço a todos que estiveram comigo nessa pesquisa, ao Terreiro de Umbanda São Jorge Guerreiro, em Baturité e ao Terreiro de Umbanda Casa de Oração São Jorge Guerreiro, em Acarape e todos os membros que fazem parte de ambas casas, em especial ao Pai Ricardo de Iansã, Pai Leonildo de Maria Mulambo e a Sinhá Lidia Santos. Agradeço à Mãe Patrícia de Obaluaê e ao Pai Hildo de Iemanjá pela enorme contribuição na I Marcha contra o racismo às religiões de matrizes africanas. Agradeço profundamente a contribuição e o apoio de minha belíssima orientadora Danielle Ellery que esteve comigo desde o início da pesquisa. A todos os meus amigos, Amanda Janice, Dani Guerra, Geison de Maria, Kev Samuel, Guilherme Viana. Agradeço imensamente ao Coletivo Entre Olhos por me ceder o material para a produção do documentário e por todo o apoio, em especial Rafael Oliveira, Thais Queiroz, Nathalia Oliveira e Fellipe Farias.

Muito obrigado a todos (as) vocês.

Axé!

RELATÓRIO DE PESQUISA E PROCESSO DE REALIZAÇÃO DO AUDIOVISUAL

Título: UMBANDA DE BRAÇOS ABERTOS

Duração: 20 Minutos

Sinopse/Resumo: O filme “Umbanda de Braços Abertos: Fé, Acolhimento e Resistência no Terreiro São Jorge Guerreiro” busca refletir sobre a fé, o acolhimento e a resistência como três eixos temáticos presentes nas narrativas dos Pais de Santo do Terreiro São Jorge Guerreiro, situado em Baturité, entre outros Pais e Mães de Santo e umbandistas entrevistados. Vai dialogar com a I Marcha contra o racismo às religiões de matrizes africanas e com a palestra Epistemologias dos Terreiros, realizada na UNILAB, expondo as vivências e experiências de fé e resistência dos povos umbandistas dentro e fora do terreiro. Por meio do audiovisual o trabalho pretende produzir um conhecimento sobre a importância da Umbanda como movimento religioso, social, cultural e identitário afro-brasileiro presente no cotidiano dos indivíduos adeptos da religião.

Palavras-chave: Umbanda; Acolhimento; Sincretismo; Resistência; Identidade; Ancestralidade.

Entrevistadas (os) por ordem de aparição:

PAI RICARDO DE OYÁ

PAI LEONILDO DE MARIA MULAMBO

MÃE PATRICIA DE OBALUAÊ

PAI HILDO DE IEMANJÁ

Introdução/Objetivo

O presente relatório tem por objetivo apresentar o percurso de composição do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), intitulado “UMBANDA DE BRAÇOS ABERTOS: Fé, Acolhimento e Resistência no Terreiro de Umbanda São Jorge Guerreiro”, realizado em formato audiovisual, apresentando o processo de realização do documentário, como a motivação para a escolha do tema e do campo, justificativas teórico-metodológicas de realização justificativas teórico-metodológicas de realização do audiovisual, escolha dos personagens/entrevistados e processo de produção.

Quando dei início aos primeiros passos em direção à pesquisa para o filme, a intenção era pesquisar a figura do Exu na Umbanda no Terreiro de Umbanda Casa de Oração São Jorge Guerreiro, localizado na periferia de Acarape, em São Benedito. Mas no decorrer da pesquisa tomei conhecimento do Terreiro de Umbanda São Jorge Guerreiro¹, localizado na comunidade do Putiú, em Baturité, onde a pesquisa foi realizada em conjunto com os adeptos desse terreiro

Além da mudança em relação ao Terreiro, também decidi mudar o tema que antes estava focado apenas na figura do Exu, e trabalhar com três eixos temáticos (Fé, Acolhimento e Resistência) que durante a pesquisa de campo para o documentário se mostraram bastante presentes nas narrativas dos umbandistas que conheci nessa minha trajetória de pesquisa. Sendo assim, o filme, produto da pesquisa, se baseia principalmente nas vivências e experiências relatadas pelos Pais e Mães de Santo, e outros entrevistados que, juntos, constroem a Umbanda como religião de fé e resistência.

Adentrando o Campo: as primeiras visitas e conversas com os umbandistas

O terreiro de São Benedito, Acarape (Casa de Oração São Jorge Guerreiro)

O primeiro contato com o tema de pesquisa se deu quando fui apresentado pela primeira vez ao Pai de Santo Silvino, popularmente conhecido pela comunidade e pelos mais próximos de “Pai Vêi”, através de Josivan, o Mesário do terreiro, que atuava no terreiro de Umbanda Casa de Oração São Jorge Guerreiro, na localidade de São Benedito, um bairro periférico da cidade de Acarape. O meu contato com eles se deu, primeiramente, por eles serem funcionários terceirizados na UNILAB, onde estudo, facilitando o meu acesso aos dois religiosos de forma mais direta e cotidiana

O encontro ocorreu no pátio térreo do Palmares 2 e se desenvolveu de forma bem informal e espontânea. Foi lá que apresentei ao Pai Vêi a minha proposta de elaboração de um audiovisual que dialogasse com o terreiro de Umbanda. Pai Vêi se mostrou muito

¹ Ambos os Terreiros, de Acarape e Baturité, têm o nome de São Jorge Guerreiro, sendo a única diferença que o Terreiro de Acarape tem a expressão “casa de oração” antes do nome do Santo.

interessado e foi bastante receptivo e me convidou para conhecer o seu terreiro, depois me abraçou antes de voltar ao trabalho, pois naquele momento ele tinha pouco tempo. Em outro momento, conheci mais outro rapaz adepto desse mesmo terreiro de Umbanda, chama-se Leopoldo e também trabalha na UNILAB, no setor administrativo. Ele é o Cambone do terreiro, responsável por uma das funções mais importantes dentro de um terreiro de Umbanda. Ele me explicou que o Cambone pode ser comparado a um supervisor de todo o funcionamento da casa e me detalhou que sua função também incluía auxiliar diretamente o Pai de Santo em seus trabalhos, além da recepção e organização da assistência, também é responsável pelo devido acompanhamento dos médiuns de incorporação durante todo o trabalho. Leopoldo, além de trabalhar no setor administrativo da UNILAB e de ser adepto da Umbanda, também atua voluntariamente em um projeto social chamado “Anjos na Terra”.

A hierarquia na Umbanda não é tão escalonada como, por exemplo, no Candomblé. Sob a responsabilidade dos dirigentes espirituais (babás e pai pequeno e/ou mãe pequena), estão os médiuns de incorporação, os ogãs e cambones (...). Na direção espiritual da casa, conta-se ainda com o pai pequeno e/ou com a mãe pequena, auxiliares diretos do (a) babá e, em sua ausência, substitutos. Alguns se tornarão babás, outros permanecerão pais e/ou mães pequenos (BARBOSA JR, 2016, p. 145-146).

No início, foi o Cambone Leopoldo que me orientou quais seriam os procedimentos adotados pela casa, como as regras de andar dentro da casa sempre de pés descalços e sem portar acessórios ou eletrônicos, também me orientou que no momento das sessões, mesmo as sessões abertas ao público, não é indicado tocar nas paredes e também fazer as necessidades físicas sem autorização prévia.

A primeira vez que agendei uma visita a esse terreiro houve um imprevisto que cancelou a sessão. Esperei cerca de uma hora, mas o terreiro não foi aberto. Eu estava acompanhado de um amigo e ficamos esperando em frente à casa do Pai Silvino. Fomos recebidos pelos vizinhos e, eu, particularmente, fiquei muito curioso – eu queria saber daquelas pessoas que ali viviam algumas informações a respeito do terreiro. Eram bem calorosos ao falarem do Pai Véi, desse modo, eu notei uma relação de respeito muito grande por parte da comunidade. Os jovens que ali viviam todos conheciam o terreiro, contudo não sei especificar se eles eram ou não adeptos da Umbanda. É de suma

importância ressaltar que a Umbanda é um movimento religioso e social afro-brasileiro que está presente no cotidiano daqueles indivíduos que ali vivem.

Numa outra visita pude conhecer melhor o espaço, é uma pequena casa que fica por trás da casa de Pai Silvino. O mesário Josivan me explicou que, sempre que há algum trabalho no terreiro, é importante manter as portas sempre fechadas, nesse processo de iniciação, onde o Cambone faz os preparativos iniciais para o começo dos trabalhos. Há duas velas acesas, cada uma no canto da porta, situadas paralelamente. É possível identificar, no centro da parede, um altar, o qual é denominado Congá, com uma bela estátua do Zé Pilintra, branca e vermelha, com sapatos vermelhos e suas guias. Tinha uma única vela no meio do altar, no chão. Em cima do altar, há uma estátua de Yemanjá, e muitas velas brancas ao redor. Essas imagens me tocaram profundamente. Josivan me explicou que o Congá é um espaço puro e por isso ele sempre deve estar bem limpo e arrumado, pois ele contribui para a harmonia e energia da casa, além de ser um altar sagrado.

Havia outras imagens ao redor da Estátua de Yemanjá. Foi possível identificar uma de São Jorge, o santo que ao mesmo tempo é católico, umbandista e corintiano (padroeiro de incontáveis organizações, universidades, instituições e times de futebol). Em certo momento, Josivan me falou que era filho da Pomba-Gira, e que lá havia uma tronqueira que, no Terreiro, funcionava como um ponto de força onde está firmado o poder dos guardiões que atuam em dimensões à nossa Esquerda, além de outras imagens de Pombas-Giras, Exus e os Exús-Mirins, todas bem visíveis e bem ornamentadas, feitas com barro e pintadas com uma textura fosca.

Nesse momento, o cambone, que é o responsável pelos pertences que os médiuns de incorporação devem levar para suas entidades, se aproxima de mim e me orienta não tocar nas paredes. Pelo que eu percebi ao longo da sessão, majoritariamente os trabalhos realizados dentro do terreiro consistem em acudir as pessoas que procuram por alguma ajuda ou pedido, sejam enfermos ou pessoas que buscam por algum ofício através da fé.

No entanto, o processo de realização da pesquisa e entrevistas nesse terreiro foi um pouco burocrático. Primeiramente, eu tentei contatar o Pai Vêi, mas devido a uma doença ele se ausentou do terreiro para tratamento, e acabei fechando uma entrevista com o mesário Josivan. Ele morava numa rua próxima ao terreiro, mas que não fazia mais parte do bairro São Benedito, e sim em uma zona mais central de Acarape. Fui bem recebido em sua casa. Ele me apresentou uma moça médium que também fazia parte da Umbanda, mas que era de um terreiro diferente, do Alto do Bode.

A entrevista foi realizada na cozinha da casa. Foi um momento bastante forte e delicado também, pois foram relatados casos muito pessoais e íntimos pelo entrevistado. Desse modo, relatando as experiências vivenciadas por ele dentro do terreiro e como a Umbanda influenciava a sua vida, não apenas como religião adepta, mas também, como um posicionamento político diante de uma sociedade cristã e conservadora.

Infelizmente, eu não consegui mais retomar o contato com o Pai Vêi, nem realizar a pesquisa em seu terreiro. Em razão da sua impossibilidade na época, outras relações foram sendo travadas por mim com pais de santo de outro terreiro em Baturité e se revelaram mais frutíferas do ponto de vista da pesquisa e das relações sociais e de confiança, fazendo com que eu passasse a realizar a pesquisa no terreiro do Pai Ricardo de Iansã. Entretanto, esse primeiro momento com o Pai Vêi foi bastante importante como pesquisa exploratória de introdução ao campo.

De braços abertos: O acolhimento da Festa do Malandro no Terreiro São Jorge Guerreiro em Baturité

A minha primeira visita ao terreiro São Jorge Guerreiro do Pai Ricardo de Iansã foi no dia 5 de agosto de 2018. O terreiro está situado na localidade de Putiú, em Baturité. O horário previsto para o início da sessão era 9 horas, contudo só foi começar por volta das 10 horas. Fui bem recepcionado pelo Pai Ricardo de Iansã e pelo Pai Leonildo de Maria Mulambo (Pai pequeno da casa), além do bom acolhimento por parte dos adeptos e frequentadores de lá. Segundo Pai Leonildo, o “acolhimento é um dos pilares da Umbanda”, pois é de suma importância estabelecer a “adoção” na casa, de modo que, não haja exclusão de determinados sujeitos. No contexto atual, é de suma importância levar em consideração que o acolhimento também se trata de uma ferramenta de resistência, principalmente em relação aos povos de Umbanda, sendo assim, percebi que o terreiro é um espaço de acolhimento, sobretudo da juventude negra, pobre e LGBT.

O terreiro está localizado por trás da casa do Pai Ricardo. Há um congá composto por tijolos no extremo do cômodo da casa, num formato triangular, no qual tinha no topo a imagem de Jesus Cristo de braços abertos. Além de Cristo havia outras imagens de tamanhos menores representando alguns santos católicos, como São Jorge (Ogum) e São Sebastião (Oxóssi).



Cristo no centro, Iemanjá à esquerda, São Jorge à direita e imagens em referência a alguns santos católicos.

Na lateral esquerda, vi alguns instrumentos do Ogã, como tambores e atabaques. Um pouco a frente havia duas imagens bem ornamentadas – com cerca de um metro de altura – representando a orixá Oxum, com cristais brilhantes, um vestido amarelo bordado e laços dourados. Também estava lá a representação do orixá ancestral Omulu feito com material semelhante a folha de palmeira seca. Particularmente, essas duas representações chamaram muito a minha atenção, pois eram belíssimas.

O Pai Ricardo havia armando uma mesa entre as duas imagens em referência ao Malandro. Nesse espaço também havia representações de Zé Pelintra e dos Preto Velhos, além de objetos ligados a algumas entidades, como o tridente metálico preto referente ao Exu.



Pai Ricardo de Iansã

A casa estava farta e cheia de filhas e filhos de santo, além de uma quantidade razoável de visitantes não costumeiros no terreiro, como eu, meu amigo Rafael, o professor Victor Macedo e outros dois estudantes da UNILAB, Hellen e Mikael.

Ouvimos os primeiros cantos que percorreria as sete linhas da Umbanda, e algo muito interessante me chamou atenção. O Pai Ricardo nos apresentou um grupo de capoeiristas da cidade de Aracoiaba e assim surgiu uma roda de capoeira ao som dos mais belos cantos de Umbanda. É comum na festa do Malandro haver roda de Capoeira, como

afirmou Pai Leonildo de Maria Mulambro, o terreiro São Jorge Guerreiro sempre acolhe os capoeiristas nas giras abertas ao público e, em especial, na festa do malandro.



Roda de Capoeira constituída por adeptos da Umbanda e capoeiristas do Grupo Capoeirarte da localidade de Aracoíaba

Era dia de festa, era a festa do Malandro! O Pai Ricardo estava de chapéu branco e traje vermelho com branco, segurando um litro de bebida alcoólica numa mão e um cigarro na outra. Barbosa Jr. (2014) observa que o álcool serve de verdadeiro combustível para a magia, além de limpar e descarregar, seja organismos ou pontos de pomba ou pólvora, por exemplo. Ingerido sem a influência do animismo, permanece em quantidade reduzida no organismo do médium e mesmo do consulente. Assim como a bebida, o fumo também passa por um processo de ressignificação e tem como função principal no terreiro defumar, isso pode ser exemplificado pelo fato da maioria dos Guias e Guardiões não tragarem: enchem a boca de fumaça, expelindo-a no ar sob o consulente.



Filha de santo cumprimentando o grande homenageado da festa: o Malandro.

Em seu depoimento, Pai Ricardo ressaltou que o terreiro completaria 10 anos de existência, numa localidade muito conservadora e bastante católica: eram 10 anos de resistência do terreiro e todos (as) estavam ali comemorando com muita afeição. O encanto do batuque e o calor das trocas de energias que circulavam ali me deixou emocionado. Os vestidos eram todos bem coloridos e sempre tendiam para tons mais quentes. Pai Leonildo estava vestido num roxo e com uma taça na mão, ele e seu canto eram da Pombagira Maria Mulambo.

Segundo define Barbosa Jr. (2014) o termo Pombagira é uma corruptela de Bombojira, que, em terreiros bantos, significa Exu, vocábulo que, por sua vez, deriva do quicongo “mpambu-a-nzila” (em quimbundo, “pambuanjila”), com o significado de “encruzilhada”. Trabalham com o desejo, especialmente com o sexual, freando os exageros e deturpações sexuais dos seres humanos (encarnados ou desencarnados), lhes direcionando a energia para aspectos construtivos. Segundo o autor, algumas delas, em vida, estiveram ligadas a várias formas de desequilíbrio sexuais: pela Lei de Ação e Reação, praticando a caridade, evoluem e auxiliam outros seres à evolução (BARBOSA JR, 2014, p. 284).



Pai Leonildo de Maria Mulambo

Na festa do Malandro tivemos a honra de conhecer a Mãe de Santo que consagrou o Pai Ricardo de Iansã há 10 anos, além da visita de outras(os) Mães de Santo e Pais de Santos de outros terreiros a convite da casa. Por volta das 13/14 horas houve uma pequena pausa para almoçarmos.

Organizamos o espaço para comportar algumas mesas e cadeiras. Na mesa tinha as panelas com comida e cada um servia seu prato. Logo no início me foi servido um

copo de caldo delicioso. Quando deu por volta das 15 horas todos os membros do terreiro se reuniram para limpar o terreiro e por volta das 17 horas, houve uma limpeza de todo o terreiro por parte dos adeptos e de alguns visitantes. Pai Ricardo convidou a todos (as) para construírem juntos (as) a Marcha contra o racismo às religiões de matrizes africanas e indígenas que ocorreria no dia 15 de agosto, dia em que se comemora o Dia de Iemanjá em Fortaleza.

Resistência: I Marcha contra o racismo às religiões de matrizes africanas e indígenas no Ceará

A 1ª Marcha contra o Racismo e às religiões de matrizes africanas e indígenas ocorreu no dia 15 de agosto na Praia de Iracema, em Fortaleza. A concentração se deu por volta das 14 horas e a marcha iniciou às 15 horas.

A marcha já havia ocorrido anteriormente em Salvador. No Ceará, a marcha foi pautada e organizada no Fórum Social Mundial, na Bahia, pelos povos indígenas, filhas e filhos de santos de Candomblé e Umbanda e também quilombolas cearenses.



Jovens na Marcha

Percebi que todos os entrevistados na festa de Iemanjá da Praia de Iracema eram da Umbanda. Uma companheira umbandista relatou que isso se dava devido algumas divisões políticas entre as religiões de matriz africanas, tanto que na Praia do Futuro houve outra marcha pela manhã e ela me disse que lá havia uma concentração maior de adeptos do Candomblé.

A proposta era a realização de entrevistas cedidas por participantes da marcha, em especial, Mães de Santos, Pais de Santos e adeptos da Umbanda. As pessoas que não

concordaram em participar do registro fílmico também nos ajudaram e contribuíram bastante na pesquisa com relatos e experiências vivenciadas na Umbanda.

Durante a marcha, coletamos experiências vivenciadas por umbandistas e dialogamos com as pessoas que construíram a marcha junto às religiões de matrizes africanas, indígenas e quilombolas, como por exemplo Patrícia Matos, a Mãe Patrícia de Obaluaê, que construiu a marcha desde plenárias públicas até o Fórum Social Mundial. Mãe Patrícia também canta na festa de Iemanjá há três anos e também dialoga com a Marcha contra o Racismo que ocorreu na mesma data na Praia do Futuro.

Era o dia de Iemanjá, a Rainha do Mar; e o momento de dedicar as oferendas à Iemanjá foi o momento mais emocionante do dia.



Marcha na Praia de Iracema, durante as Comemorações do Dia de Iemanjá.

A Religiosidade e a Identidade Umbandista

A identidade é marcada por símbolos e a Umbanda trabalha com uma simbologia rica e plural. Para aqueles que não são adeptos algumas substâncias lícitas como o álcool e o tabaco desempenham um papel diferente do nosso cotidiano. A identidade do adepto está relacionada a ancestralidade e a cultura africana, como

marcação simbólica que especifica esse determinado grupo identitário. É importante ressaltar que a identidade assume uma conceituação mais abrangente através de sistemas classificatórios que podem não deixar evidente, por exemplo, as questões sociais, raciais ou de gênero desse (s) grupo (s) identitário (s) podendo, assim, haver diferentes realidades entre o nível coletivo e o nível individual.

Tanto o álcool como o tabaco, comumente usados pelas entidades espirituais tais como os Exus e Pretos Velhos, são instrumentos de purificação e de limpeza espiritual no terreiro.

Hall (2011) também nos afirma que a identidade é construída por meio da diferença e não fora dela, e toda identidade, “eu/nós”, só se estabelece em relação com um Outro, o exterior constitutivo, com aquilo que lhe falta, “ele/eles”, sendo assim, o terreiro de Umbanda é um espaço que pode variar de acordo com as normas estabelecidas por cada casa, ou seja, a estrutura dos terreiros, a questão social e até mesmo os rituais estão sujeitos à mudança e/ou transformação, desse modo, o espaço pode ser marcado por diferença, de modo não essencialista.

A identidade umbandista pode ser exemplificada também com as linhas de trabalho na Umbanda, por exemplos, caboclos, pretos velhos, erês, ciganos, exus, entre outros. Cada linha trabalhada tem sua importância na ritualista da Umbanda.

Infelizmente, devido ao racismo e a ignorância, algumas representações da Umbanda são deturpadas e associadas ao mal, por exemplo a figura do Exu e da Pombogira muitas vezes são associadas (principalmente por cristãos) ao Diabo, sendo que na Umbanda o Diabo bíblico não existe. Hall afirma que a identidade é relacional e também marcada pela diferença, nesse sentido, outro fator importante a se expor são algumas diferenças presentes na Umbanda e no Candomblé. Candomblé é um culto afro-brasileiro, já a Umbanda é uma religião genuinamente brasileira (agrega influências dos cultos africanos, porém incorpora outras crenças também, evocando o aspecto miscigenado do país). Essa diferença está presente no uso da língua na cantiga - no Candomblé se utiliza a língua dos Orixás enquanto na Umbanda é cantada em português - e também na representação do Exu que na Umbanda é identificado como um espírito desencarnado que remete a figura do guardião enquanto no Candomblé Exu é identificado como um Orixá.

Estratégias de abordagem e processo metodológico

Para se iniciar uma produção audiovisual é primeiramente necessário estabelecer uma relação de confiança entre os sujeitos que juntos constroem o documentário. O documentarista João Moreira Salles no prefácio do livro “Espelho Partido: tradição e transformação do documentário”, de Silvio Da-Rin (2004) afirma que o documentarista enfrenta dois grandes empecilhos na produção fílmica.

O primeiro problema está relacionado a forma como o documentarista trabalha os personagens, ou seja, o modo como aquele sujeito está sendo retratado e como sua imagem será utilizada, sendo assim, esse problema está relacionado a ética do documentarista. O segundo problema é direcionável e está ligado propriamente a natureza epistemológica, pois é a forma como o documentarista irá abordar a temática do audiovisual. Sendo assim, é de suma importância o cuidado e a preservação da imagem dos personagens que constroem o audiovisual.

Moreira Salles descreve o documentário como uma duplicação do mundo, um espelho refletido, desse modo, as personagens não se limitam a verdade construída na produção audiovisual, pois aqueles sujeitos têm suas vidas privadas e seria antiético utilizar de estratégias narrativas que de algum modo prejudiquem a imagem/identidade daqueles sujeitos.

Estabelecer uma relação de confiança com os personagens não é uma tarefa simples, mais especificamente nesse contexto da abordagem da fé umbandista sob a perspectiva de uma temática muito ampla e aberta, a produção audiovisual se torna um desafio, mas quebra barreiras através da oralidade. A oralidade reflete também a ancestralidade presente no terreiro. A exemplo os pontos cantados, saudações e orações que através da oralidade que é possível se conectar com a fé, tradição e significado que compõe o mundo espiritual. Saraiva (2016) afirma que a ancestralidade se mantém ligada ao corpo, sendo sempre transmitidas com base na oralidade e nos explica que a categoria ancestral é o fio condutor entre o corpo e a memória. Isso está expresso no significado de um assentamento, um altar, um congá. Pai Leonildo relatou que a partir do momento que uma imagem começa a fazer parte do terreiro, ela passa por um processo de ressignificação e passa a ter um outro significado – passa a ter uma vida e fazer parte daquele expresso que é essencialmente sagrado.

É válido ressaltar que ao longo da pesquisa enfrentei algumas dificuldades em estabelecer uma relação consolidada com alguns adeptos, que por muitos motivos

desconfiavam da minha proposta, não obstante foi através do respeito que consegui abrir outras portas. O respeito como afirmou Pai Leonildo da Maria Mulambo é um pilar que sustenta a religião e através dele consegui gradativamente construir algo muito maior junto do terreiro – uma relação de amizade baseada na aprendizagem, pois a Umbanda trabalha o desconhecido e o desconhecido é sempre algo novo a ser trabalhado; é algo bom a ser aprendido.

O documentarista Eduardo Coutinho descreve que o material mais interessante encontrado na produção audiovisual é resultado muitas vezes do acaso, da surpresa ou da incerteza e reitera que as relações são consolidadas quando são baseadas num ato colaborativo ao invés de simplesmente focar em perguntas e respostas (FROCHTENGARTEN, 2009).

Esse processo ocorreu também na realização dos registros desse audiovisual, num processo mais delicado e pessoal que mexe com a vida privada dos personagens, desse modo, a partir de uma relação de confiança que foi desenvolvida nas consecutivas entrevistas com os Pais e Mães de Santo que fui construindo estratégias narrativas que suprissem – para além das expectativas na produção da pesquisa – as necessidades dos sujeitos que construíram efetivamente esse projeto documentário.

Roteiro de filmagem.

Organizamos o Roteiro de Filmagem em três tópicos:

- a) Abordar sobre os eixos temáticos (Fé, Acolhimento e Resistência) através de uma entrevista semiestruturada, abordando as vivências e experiências dos adeptos no terreiro de Umbanda.
- b) Relacionar e dialogar com o movimento de umbanda na Marcha contra o racismo às religiões de matrizes africanas e indígenas
- c) Expor a importância da Umbanda como movimento religioso e social afro-brasileiro presente no cotidiano dos indivíduos adeptos à religião.

Pré-Produção

Antes da escolha definitiva da temática da pesquisa, avalei a possibilidade de participar informalmente da disciplina Filosofia da Ancestralidade, com a minha orientadora Daniele Ellery, para aprofundar meus conhecimentos sobre o tema da Ancestralidade. Nesse período, eu já fazia com ela a disciplina Oficina de Metodologia I,

e já estava dando início ao pré-projeto para a realização da pesquisa de TCC I, para realização do audiovisual, quando busquei conhecer um pouco do campo de minha pesquisa e realizei as primeiras visitas ao terreiro de Umbanda Casa de Oração São Jorge Guerreiro, que fica por trás do Campus do Palmares, em Acarape, no bairro São Benedito. No segundo semestre, já no TCCII, comecei a disciplina Oficina de Metodologia II, também com a prof. Daniele, e a partir daí dei início a outras articulações, com as visitas ao Terreiro de Umbanda São Jorge Guerreiro, do Pai Ricardo, em Baturité. Nessa etapa trabalhei com a observação e com cadernos de campo onde ia anotando as coisas que mais me chamavam atenção durante as conversas com os Pais de Santo Ricardo e Leonildo e nas giras que participei.

Nessa etapa, também me reuni com o Coletivo Entre Olhos em busca de apoio, pois eu não tinha materiais próprios para a produção audiovisual. Além do apoio do grupo com alguns equipamentos de gravação, foi me emprestado uma câmera semiprofissional SONY, um tripé e um gravador de som (fornecido por minha orientadora).

Produção

A produção foi realizada em três processos. O primeiro processo foi a participação e captação da Palestra Epistemologias dos Terreiros de Umbanda, realizada no pátio da Unidade Acadêmica dos Palmares, em Acarape/CE. A programação incluiu uma oficina comentada de pontos de Umbanda, com Pai Leonildo de Maria Mulambo, seguindo com uma roda de conversa, reunindo os professores da Unilab Linconly Jesus, Patrício Carneiro e Pai Leonildo. A mediação foi feita pelo professor Vitor Macedo. A palestra foi a primeira série de registros que realizei na pesquisa.

O segundo processo se deu em Baturité, na localidade de Pitiú, no Terreiro de Umbanda São Jorge Guerreiro. Pai Ricardo de Iansã e Pai Leonildo da Maria Mulambo aceitaram a minha proposta de realização de uma entrevista com ambos. A entrevista foi realizada dentro do terreiro de Umbanda após uma gira aberta ao público. As entrevistas eram semiestruturadas e abordaram três eixos temáticos: fé, resistência e acolhimento. Além da coleta dos relatos, captei também registros da Festa do Malandro, que aconteceu no dia 5 de agosto de 2018.

Eixos temáticos das entrevistas:

- Umbanda como movimento religioso e social afro-brasileiro presente no cotidiano dos indivíduos adeptos da religião;
- As relações de acolhimento vivenciadas no Terreiro;
- Umbanda como movimento religioso e de resistência.

O terceiro processo se deu na I Marcha contra o racismo às religiões de matrizes africanas e indígenas, em Fortaleza, quando busquei registrar os relatos dos Povos de Umbanda presentes na Marcha da Praia de Iracema, que trouxeram também a temática da resistência já apontada pelos Pais de Santo Leonildo e Ricardo. A proposta era a realização de entrevistas cedidas por participantes da marcha, em especial, Mães de Santos, Pais de Santos e adeptos da Umbanda. As pessoas que não concordaram em participar do registro fílmico contribuíram na pesquisa com relatos e experiências vivenciadas na Umbanda.

Pós-Produção

A última etapa da realização da pesquisa se iniciou com a montagem do filme no programa de edição Sony Vegas. Infelizmente eu não tenho computador para uso pessoal, mas contei com a contribuição de amigos para a realização da montagem. Foram cinco etapas:

- Decupagem do material bruto (todas as imagens e sons capturados para o filme);
- Estabilização;
- Sincronização e nivelamento de áudio;
- Aplicação de transição e efeito.
- Finalização e renderização.

A etapa de pós-produção foi o mais complicado devido às dificuldades que no percurso da pesquisa foram se revelando, pois não tive muitas experiências na UNILAB voltadas para a produção audiovisual no que consiste à parte técnica, com exceção da disciplina de Metodologia II ministrada pela Prof. Danielle Ellery que trabalhou com a produção audiovisual, mas mais especificamente no campo teórico (com a leitura de textos), também na visualização de filmes e na realização de debates sobre os processos diferenciados de produção de conhecimento em Humanidades em outros formatos: audiovisual, desenhos, ensaios fotográficos, realização de filmes (experimentais, ficcionais, documentais, entre outros).

O processo de montagem do filme “Umbanda de Braços Abertos” durou aproximadamente um mês e contou com as orientações da professora Daniele e o apoio do Coletivo Independente Entre Olhos.



Na foto, Rafael Oliveira, Nathalia Oliveira, Thais Queiroz e Felipe Farias, membros do Coletivo Entre Olhos.

Referências Bibliográficas

BARBOSA JR. Ademir. O livro essencial da Umbanda. Editora Universo dos Livros. São Paulo. 2014

_____. Teologia de Umbanda e suas dimensões. São Paulo: Anúbis, 2016.

FROCHTENGARTEN, Fernando. A entrevista como um método: uma conversa com Eduardo Coutinho. Psicologia USP. São Paulo janeiro/março. 2009

HALL, Stuart e WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença. A perspectivas dos estudos culturais. 15ª Edição. Editora Vozes. São Paulo. 2006

HAMPATÉ Bâ, AMADOU. A tradição viva. In: Ki-Zerbo, Joseph (Ed.) História geral da África I: Metodologia e pré-história da África. Brasília: UNESCO, 2010

SARAIVA, Luís Augusto Ferreira. Exu interroga Clio. Contribuições da Filosofia Africana na construção de um novo paradigma para o estudo da História. ago/set. 2006